

Potência dos ventos

Diário do Nordeste – 06/02/2010

Por representarem uma fonte de energia limpa, segura e inesgotável, as usinas eólicas constituem a forma de energia renovável que mais cresce em todo o mundo na média anual de expansão em torno de 25%. No Brasil, essa fonte chega a ser chamada de “pré-sal dos ventos” para definir sua indiscutível importância, embora ela represente, no País, apenas 1,3% no contexto das matrizes energéticas.

Até um país pequeno como Portugal já produz mais força eólica do que o Brasil, apesar de o potencial de ventos nacionais possibilitar uma produção de energia dez vezes maior do que a gerada pela usina de Itaipu. A China se tornou o terceiro produtor mundial dessa energia, depois dos Estados Unidos e Alemanha, ao dobrar sua capacidade no ano passado.

O único problema quanto às eólicas é o alto investimento necessário para sua instalação, mas esse detalhe é posteriormente recompensado pelo custo operacional bem mais barato. Existem, também, outras peculiaridades que tendem a acelerar o crescimento desse tipo de produção energética no Brasil. Uma delas é a sistemática complementação do regime de ventos com o de chuvas, especificamente no Nordeste. As eólicas surgem como par perfeito para usinas hidrelétricas, segundo afirmam os especialistas no assunto, porque os ventos se tornam mais fortes exatamente no período em que a hidrologia está em sua fase mais fraca.

Está provado que, em território brasileiro, a regularidade dos ventos está entre as melhores do mundo, com a facilidade extra de as principais jazidas eólicas do País se localizarem nos arredores dos grandes centros urbanos. Em países estrangeiros, os dois maiores problemas são o alto custo de transmissão e a constante oscilação das correntes de ar, o que os obriga a manter usinas termelétricas suplementares para os períodos sem vento. Outro detalhe é que a substituição total da energia térmica pela eólica diminuiria a emissão de gases que provocam o efeito estufa em 10 milhões de toneladas por ano.

O Ceará lidera a produção nacional dessa energia, embora ações judiciais tenham atrasado a construção de parques eólicos, sob a alegação de que eles provocam degradação ambiental nas dunas onde se localizam, além de destruírem um hipotético patrimônio arqueológico e eventualmente propiciarem a deflagração de conflitos com habitantes da região.

É óbvio que mesmo equipamentos criados para gerar energia limpa e permanente devem cumprir cuidados necessários em seu processo de instalação, mas certas cobranças podem incorrer no risco de botar a perder, às vezes por injunções circunstanciais e superáveis, ou pelo radicalismo, uma chance de se assegurar a autonomia energética. Na Europa, ativistas chegaram a alegar até mesmo a “feiúra” dos parques eólicos, numa intolerância, supostamente de caráter estético, que beira as raias da insensatez.

A notícia importante desta semana, que avalia a posição estratégica do Ceará no setor, vem de Berlim: uma empresa alemã se dispõe a montar, em parceria com investidor brasileiro, a primeira fábrica montadora de aerogeradores para produção de energia eólica. O Estado deve aproveitar esta oportunidade que pode constituir mais uma fonte para sua redenção econômica.